

COMO ELA MORRE

SOPRO

DE **Tiago Rodrigues**

© TNDM II & Bicho-do-Mato, 2017

© Tiago Rodrigues, 2017

Revisão: Elisabete Cataluna

Paginação: BdM

Conceção gráfica da coleção: Patricia Flôr

Local e data de edição: Lisboa, 2017

Impressão e acabamento: Europress

Depósito Legal: 433111/17

ISBN: 978-989-8349-53-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (eletrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização por escrito da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

www.bicho-do-mato.pt | www.tndm.pt

D.M II

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODOMATO

A

(...)

JOLENTE Vou dizer-te o que já não sinto quando estou contigo. Já não sinto necessidade de sorrir automaticamente quando tu sorris, ou de ficar séria sem motivo apenas porque tu ficas sério. Já não rio sem razão nos momentos mais inconvenientes, como se um prazer irracional tomasse conta de mim. Já não sinto os meus nervos esticados como as cordas de um violino a serem puxadas quase até rebentar. Já não sinto os dedos das mãos e dos pés mexerem-se nervosa e descontroladamente enquanto paro de respirar e tudo à minha volta me parece ter formas e cores mais vivas do que a penumbra habitual do mundo. Já não sinto a terrível angústia de estar tão feliz que receio a cada instante que essa felicidade tenha um fim. Já não sinto vergonha de ser mais feliz do que todos à minha volta. Já não fico deitada na cama sem me mexer e com os olhos tão abertos



que me parece ver-lhes o brilho na escuridão. Já não sinto o meu sangue arder enquanto espero pelo momento de te encontrar. Quando saio à rua, já não sinto que o vento esperou por mim para começar a soprar e ajudar-me a chegar mais rápido até ti. Já não sinto a minha cara transformar-se quando te vejo. Já não sinto alegria quando te vejo. Quando chego a casa e te vejo, já não me sinto como um esfomeado a quem dão comida, e que, apesar do frio, da vergonha e das roupas rasgadas, está feliz porque come. Já não sinto orgulho quando te vejo, o orgulho de saber que o teu amor é a única coisa que possuo verdadeiramente, e que, quando tudo corre mal, é esse amor que me mantém firme. Já não sei por que razão estás na mesma sala que eu. Dantes sabia sempre que a tua razão para estares nalgum lugar era estares onde eu estivesse. Quando a tua mão segura a minha, já não sinto o choque elétrico que atravessa o meu corpo e me torna consciente do movimento elástico das minhas pernas, do bater do meu coração, do modo como os meus pulmões abrem e fecham dentro de mim, do formigueiro nos meus lábios. Já não sinto que a minha presença ilumina a tua vida como se eu fosse o teu sol. Já não sinto que o brilho incontável dos meus olhos te queima. E quando estamos juntos, já não ouço a voz interior que por vezes me dizia: «Quente, muito quente, a escaldar!» E quando entramos no nosso quarto, já não sinto a excitação e o medo que sentem os soldados antes da batalha. Já não me sinto corar. Já não sinto vontade de chorar de alegria. Já não sinto todo o sangue do meu corpo a fluir ao coração. Já não sinto o meu coração a bater tão fortemente que não consigo fixar os pensamentos em coisa nenhuma. Já não me sinto em êxtase. Já não me sinto a

transbordar de felicidade. Já não sinto a força sobrenatural que me ligava a ti. Já não sinto nenhuma força ligar-me a ti. Já não sinto que esteja ligada a ti. Já não sinto a terrível alegria de estar presa a ti. Estas são as coisas que já não sinto quando estou contigo. Não desapareceram completamente da minha vida. Ainda sinto algumas delas. Só que não é contigo.



CENA 3 490 gramas

Noite. Apartamento em Antuérpia, em 2017. Frank tem um livro numa mão. É o mesmo livro que Isabel tinha na cena anterior. Frank fala em francês.

FRANK 490 gramas. O teu peso para sempre. Durante anos, escrevi-te cartas mentalmente. Nunca as passava para o papel. Tu já não tinhas morada. O que escreveria eu no envelope? «Destinatário: o Passado?» Faz muito tempo que não te escrevo uma carta. Faz muito tempo que não estava sozinho, mas hoje a solidão quer voltar a ser o meu animal de estimação. Há pessoas que têm cães ou gatos. Falam da sua vida como se esses animais fossem os capítulos de uma biografia. Durante a infância, um pastor alemão. Na adolescência, um gato siamês. Quando casam, têm um labrador que brinca com as crianças. Na velhice, um aquário com peixes tropicais. Eu tenho a intermitência da solidão. Enquanto ainda eras viva e pesavas 48 quilos, eu dividia todas as pessoas do mundo em duas categorias: tu e os outros. E depois um dia passaste a pesar apenas 490 gramas divididos por 1021 páginas. E todas as pessoas do mundo passaram a pertencer a uma única categoria: os outros. Sabia na altura que, como tinha o coração despedaçado, os outros seriam impiedosos para comigo. Sentia que as pessoas me destruiriam como os cães matam um cão ferido que gane de dor. Então adotei uma solidão de estimação para me proteger dos outros, e comecei a escrever-te estas cartas. 490 gramas. A única herança que me



deixaste foi este livro. A única coisa que me pertence verdadeiramente pesa 490 gramas. O resto não me pertence. São coisas que estão no mesmo tempo e no mesmo lugar que eu. Não me pertencem como este livro. Os outros livros estão na estante como tijolos num muro. São coisas. Este livro não é uma coisa. É alguém. És tu. És a minha solidão. Sou eu. É um mundo com 490 gramas. O peso da minha vida. Quando a conheci, guardei o livro na estante, como se fosse uma coisa. O mundo voltava a ter duas categorias: ela e os outros. E o sentimento de que a minha solidão era a antecâmara da morte desapareceu. Desapareceu o alarme agudo que nunca se interrompia, dia e noite, lembrando-me de que estava a viver já em vida a solidão que nos espera a todos depois da morte. E, subitamente, graças a ela, a inevitabilidade da morte empurrava-me para o desejo de viver. Deixei de te escrever cartas. Passei a amar e abandonei a solidão na rua, como quem abandona um cão num bairro longínquo para que ele não encontre o caminho de regresso a casa. 490 gramas. Neste momento, ela está a dormir no nosso quarto. E eu dou por mim a vir ter contigo a esta estante. A tomar-te nas mãos. A sentir o teu peso. A solidão encontrou o caminho de regresso a casa. Está a arranhar a porta. Está a ganir. Quer entrar.

CENA 6 A outra mulher

Sozinha no seu apartamento de Lisboa, em 1967, Isabel fala com o público em português.

ISABEL Dentro de mim há outra mulher. Há muito tempo que sentia a sua presença. Como um vizinho que nunca vemos mas cujos passos ouvimos através das paredes finas. Às vezes, a mulher dentro de mim manifestava-se. Como um borbulhar de água a ferver dentro do meu peito. Uma sensação que se traduzia em pensamentos. E eu conseguia quase sempre que esses pensamentos fossem apenas isso: pensamentos. Impotentes e passageiros. Nuvens. E tinha a sensação de que a mulher dentro de mim era de outro lugar e de outro tempo. Não estava em Lisboa nem em novembro de 1967, como eu. Não sabia de onde ela vinha, mas sempre soube que não era daqui nem de agora. Também sabia que ela era mais verdadeira do que eu. E então imaginava que o nome dela era verdade. Outras vezes chamava-se liberdade, e eu tinha prazer na ironia de a manter presa dentro de mim. Havia dias em que se chamava insatisfação e outros dias em que se chamava desejo. Ao longo dos anos, dei muitos nomes à mulher que vive dentro de mim. Na noite da festa, eu já tinha mais ou menos decidido não ir. Mas ela começou a andar de um lado para o outro dentro de mim. Suspirou tão profundamente que quase parecia ser eu a suspirar. Na festa, foi ele que veio falar comigo. Em francês. Contou-me que tinha chegado há uns dias a Lisboa para fotografar

②

as cheias. Disse que tinha passado o dia inteiro de galochas, nas ruas de Odivelas, a tirar fotografias que depois mandava para um jornal na Bélgica. Falou-me de viagens, de música, de comida. Qualquer coisa sobre a magia de beijar um ombro. Eu respondia-lhe, mas não era eu que respondia. Era a mulher dentro de mim que falava pela primeira vez. Usava a minha boca. Foi ela que ficou a noite toda a falar com ele. Foi ela quem lhe tocou na mão com uma inesperada intimidade. Foi ela que nem sequer reparou nos olhares maldosos que a escarneciam. Foi ela que, no final da noite, aceitou o livro.

Agora já sei como se chama. O nome dela é Anna. E desde que comecei a ler este livro, ela tem crescido dentro de mim. Ela e o mundo dela. Quando Anna e eu tomamos o pequeno-almoço, o marido dela, Alexei, senta-se à mesa connosco. O amante dela, que também se chama Alexei, entra no duche connosco. Quando apanhamos o comboio, a carruagem enche-se com as pessoas que ela deslumbra e magoa no mundo dela. E essas pessoas são tão reais, talvez mais reais do que as pessoas do meu mundo que também vão no comboio. Pessoas que eu não consigo magoar nem deslumbrar. Agora ela está a tomar conta de mim. As nuvens transformam-se em tempestade. Ela vai a sítios por mim. Mexe-se com o meu corpo. Fala em meu nome. Diz coisas como: *jamais* e *toujours*. A mulher que vive dentro de mim fala francês. Ela diz: *j'exige tout*. Tenho cada vez mais dificuldade em distinguir-me da mulher que vive dentro de mim. Agora mesmo. Acho que é ela que me faz falar sozinha enquanto estamos as duas aqui, no café da estação do Rossio, à espera do fotógrafo das galochas. *Jamais. Toujours. J'exige tout*.

CENA 12 Isabel no comboio

ISABEL O comboio parte daqui a dois minutos. Estou a tornar-me na mulher que vive dentro de mim. Sentada nesta carruagem, tento ler. A cada linha, a mulher dentro de mim cresce. Está por todo o lado. Nos braços, nas mãos, nas pernas, nos pés. Já nem faz sentido falar dela. Sou eu. Somos eu. Calma. Lê. Pensa. Lê. Calma. «Num canto da carruagem confortável com molas muito flexíveis, que os cavalos cinzentos levavam rapidamente, Anna, ao som incessante das rodas e sob as diversas impressões que se sucediam rapidamente ao ar livre, analisava os acontecimentos dos últimos dias, e via a sua situação de modo bem diferente do que em casa. Agora a ideia da morte já não lhe parecia tão terrível, nem tão nítida, e a própria morte já não lhe parecia inevitável.» Não consigo ler. A morte? A vida é que é inevitável. E este comboio vai no sentido da vida. O túnel. A vida depois do túnel. Calma. Lê. «Suplico-lhe que me perdoe. ... Dentista. ... Podemos contar a outra pessoa aquilo que sentimos?» Não leias. Pensa. O túnel. Ir embora. Dizer adeus a isto tudo. Outra vida. Lê. «Ele pensava que me conhecia e conhece-me tão pouco como qualquer outra pessoa. Eu não me conheço a mim própria. Conheço os meus apetites, como dizem os franceses.» «As avenidas, as crianças.» «Não vou ter com ele.» Ela vê o mundo pela janela, e eu vejo o mundo pela janela. Campolide. O aqueduto. Diz que as pessoas se lançam lá de cima para morrer. Eu quero viver. A Bélgica. Vou para a Bélgica. Porquê para a Bélgica?



«Gelados. ... Todos nós queremos qualquer coisa doce e perfumada. Não há bombons, então comem estes gelados imundos. ... E não há nada divertido. Nada alegre. Tudo é reles.» Por ele? Pelos lírios? Pelas fotografias? Não é ele. É partir para outro lugar e construir outro tempo para outra mulher. Sou eu. Sim, está decidido. Não parto com ele. Parto comigo. «Obtenho o divórcio e torno-me mulher de Vronski. ... E depois? Entre mim e Vronski, que novo sentimento encontrarei? Poderei contar agora, não com a felicidade, poderei esperar apenas não sofrer?» Tenho de usar a mala grande. A vermelha. Tenho de levar camisolas. A Bélgica é fria. Quero frio. Faz-me sentir viva. Onde é que estamos? «Estas ruas, não as conheço de todo. Sempre casas e mais casas. E dentro das casas, pessoas e mais pessoas. Nunca mais acaba, e todos se odeiam uns aos outros.» Mais duas estações. «Tuktine, cabeleireiro. ... Toca o sino para a missa. ... Porquê estas igrejas, estes toques de sinos e estas mentiras? Só para esconder que nos odiamos uns aos outros.» Pastelaria Califa. O homem à minha frente tem um embrulho da pastelaria Califa. Cheira a bolos. Tenho fome. «Sim, tenho de ir à estação. Encontrá-lo. ... Tenho tempo.» «Em que pensava eu? Tuktine, cabeleireiro? ... A luta pela vida, o ódio, é a única coisa que une os homens. ... E o cão que levam não vos vai ajudar. Não fugireis de vós mesmos.» Fugir para me encontrar. «*The zest is gone.*» Fugir para me encontrar. O homem à minha frente olha para mim. Vê-me ler e murmurar. Ler e murmurar. Deve pensar que sou louca e, no entanto, nunca pensei tão claramente. As roupas quentes do miúdo. Será que os brinquedos dele cabem na mala vermelha? E o livro tem de caber também. «O meu amor torna-se cada vez mais

apaixonado, cada vez mais exigente.» Mais uma estação. Consegues chegar ao final do capítulo. Não leias. Pensa. Já pensei. «Onde acaba o amor começa o ódio.» Chegar a casa. Dizer-lhe «já não te amo». Dizer-lhe «não te quero odiar». «Eu faço a infelicidade dele e ele a minha, e nem ele nem eu nos podemos mudar. Todas as tentativas foram feitas.» Dizer-lhe «vou partir hoje». Dizer-lhe «Bélgica». Dizer-lhe «vou levar o nosso filho comigo». «É a vida que nos separa. ... Uma pedinte com uma criança. ... Não estaremos todos nós abandonados no mundo ...?» Dizer-lhe «nunca». Dizer-lhe «sempre». E não é a mulher dentro de mim a falar. Sou eu que lhe digo «exijo tudo».



CENA 14 Como ela morre

(...)

Frank está sozinho no seu apartamento de Antuérpia, em 2017. Tem o livro na mão. Fala em flamengo.

FRANK Vou contar-te uma história. Falo-te na minha língua. Não na tua. Nem numa língua que ambos falamos. Não compreendes a minha língua, mas é a única em que consigo dizer exatamente o que queria que compreendesses. Não é importante que consigas traduzir esta língua. Só é importante que consigas traduzir o que sinto quando falo nesta língua. É a história de dois irmãos. Quando ainda eram crianças, o mais velho disse ao mais novo que tinha descoberto o segredo da felicidade, que o tinha escrito num pedaço de madeira verde e enterrado no quintal da casa onde viviam. Uns tempos mais tarde, o irmão mais velho adoeceu e acabou por morrer. Então o mais novo começou a escavar o quintal à procura do pedaço de madeira, mas não o encontrou. Viveu quase toda a vida naquela casa. Escavou. Escreveu livros. Um desses livros chama-se *Anna Karénina*. Nunca encontrou o pedaço de madeira. Continuo mergulhado nestas páginas que sublinhaste há 50 anos. Tenho nadado desesperadamente por este livro. Como um cão lançado bõrda fora em alto mar que procura voltar ao barco a todo o custo. Sei agora que é ridícula a esperança de encontrar neste livro uma resposta para tudo. Mais depressa encontrarei as perguntas para tudo. Sei agora que não é preciso voltar ao barco. Basta nadar. Aceitar que sou um nãufrago. Somos todos nãufragos. Não há resposta.

Que bom. Não há resposta. Anna chega à estação e pensa em como a vida ainda podia ser feliz, e em como o amava e o odiava dolorosamente, e no horrível bater do seu coração. E tudo o que um dia lhe pareceu belo numa estação de comboios é precisamente o que agora lhe parece repulsivo. E eu sei que ela vai morrer. Está sublinhado. Já li o livro tantas vezes. Não preciso de o ler até ao fim. Então, qual é a força invisível que me faz examinar à lupa cada detalhe desta morte? Por que motivo regresso a esta estação de comboios? É porque vivemos na penumbra. Mas por vezes há uma palavra, uma frase, um parágrafo, um relâmpago fugaz que ilumina o mundo. E então vemos o caminho inteiro que nos resta percorrer durante a nossa vida. Amantes, amigos, inimigos. Durante um instante estamos todos ligados sob a luz do relâmpago. E depois regressamos à penumbra. Cada um a falar a sua língua, que mais ninguém no mundo consegue compreender. Cada um intraduzível, a tatear na escuridão, com medo de onde pomos os pés a cada passo do caminho. E então é preciso reler. Sabemos que ela morre, mas temos de compreender *como* ela morre. Temos de convocar o relâmpago e fazer durar o instante de luz.

Frank lê, em francês, as páginas do capítulo XXXI da sétima parte do romance. Por vezes, comenta a sua própria leitura em flamengo ou português. Repete frases, palavras. Confirma o seu significado ou o rigor da tradução. À medida que avança na leitura, a sua voz mistura-se com a de Isabel. Os tempos misturam-se.

«Ela olha as pessoas que vieram acompanhar as famílias ou amigos à partida do comboio e que agora, na plata-

forma, parecem andar às arrecuas. ... "Sim, onde é que eu tinha ficado? Nesta ideia de que não consigo imaginar uma situação em que a vida não seja um tormento. Que todos nós fomos criados para sofrer. E que todos estamos conscientes disso e que mesmo assim inventamos maneira de nos iludirmos. Mas o que devemos fazer quando já compreendemos a verdade?"» Relâmpago. A verdade. «Mas o que devemos fazer quando já compreendemos a verdade?» Libertar. «"A razão foi dada ao homem para este se libertar do que o inquieta", disse a senhora em francês. ... Estas palavras parecem dar resposta aos pensamentos de Anna. ... "Sim, isso inquieta-me, mas a razão é-nos dada para nos libertarmos disso."» Para nos livrarmos. «Portanto, tenho de me libertar. Porque não apagar a vela, se não há nada mais para onde olhar, se tudo o que vemos é repugnante?» Relâmpago. «"Porque é que o revisor corre tão depressa na plataforma? Porque gritam assim os rapazes na outra carruagem? Porquê? Porque falam, porque riem eles? Tudo é falso. Tudo é mentira. Engano. Maldade." Quando o comboio entra na estação, Anna desce no meio da multidão de viajantes. Ela afasta-se, como se fossem leprosos, fica plantada na plataforma e esforça-se por se lembrar do porquê de ali estar e do que pretende fazer. É-lhe difícil compreender claramente aquilo que, há pouco tempo, lhe parecia ainda possível, principalmente aqui, no meio desta multidão barulhenta, destas pessoas irritantes, que não lhe dão sossego. ... Enquanto fala com o carregador, chega Mikhaila, com a sua face alegre e rosada, usando um elegante casaco azul e um relógio de corrente, para lhe entregar uma cartinha.» Uma cartinha. Relâmpago. Ela abre a carta. Uma cartinha. «Ela abre a cartinha e o seu

coração contrai-se mesmo antes de a ter lido.» Relâmpago.
«“Eu bem sabia! Eu sabia”, disse para consigo, com um sorriso maldoso. ... Fala suavemente, pois é-lhe difícil respirar com o violento bater do seu coração. ... Duas criadas rodam a cabeça quando ela passa e comentam em voz alta o seu traje. ... Os rapazes encaram-na, riem-se enquanto passam por ela, e gritam qualquer coisa com uma voz afetada. O chefe da estação pergunta, ao passar por ela, se ela vai embarcar neste comboio. “Para onde ir?”, pergunta-se ela, enquanto avança na plataforma. ... Ela apressa-se e afasta-se dos outros, para o extremo da plataforma. ... E de repente ela lembra-se do homem que foi atropelado no dia em que conheceu Vronski. E ela sabe o que tem de fazer.»
Relâmpago.

SOPRO